

Biologia Geral e Experimental

Universidade Federal de Sergipe

Biol. Geral Exper., São Cristóvão, SE 7(2):17-31

30.xii.2007

MAMÍFEROS DOS REMANESCENTES FLORESTAIS DE JOÃO PESSOA, PARAÍBA

*Alexandre Percequillo*¹

*Katharine Santos*²

*Bruno Campos*²

*Robson Santos*²

*Gustavo Toledo*²

*Alfredo Langguth*²

RESUMO

O estudo relata a fauna de mamíferos de remanescentes florestais na cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba (07°06'S, 34°51'W). Foram registradas 37 espécies, distribuídas em 18 famílias e 7 ordens. São apresentadas breves descrições das espécies e comentários taxonômicos. Discutem-se alguns aspectos sobre a conservação da fauna local.

Palavras-chave: Mamíferos, taxonomia, conservação.

ABSTRACT

The study reports the mammal fauna of the João Pessoa city forest remnants, state of Paraíba (07°06'S, 34°51'W). Thirty six species, distributed in 18 families and 7 orders were registered. Brief descriptions of the species and taxonomic comments are presented. Some aspects of the local faunal conservation are discussed.

Keywords: Mammals, taxonomy, conservation.

INTRODUÇÃO

A fauna de mamíferos da Mata Atlântica do nordeste ainda é pouco conhecida, principalmente para as ordens Didelphimorphia, Chiroptera e Rodentia (Vivo, 1996). Os inventários mais relevantes foram feitos nos Estados de Alagoas (Vieira, 1953), Paraíba e Pernambuco (Oliveira & Langguth, 2003), outros estudos realizados não foram publicados, como por exemplo, o material colecionado na década de 1950 pelo Serviço Nacional da Peste (Oliveira *et al.*, 2003).

Com o objetivo de contribuir para o conhecimento e conservação da fauna da região nordeste, neste estudo nós apresentamos uma lista comentada das espécies de mamíferos que ocorrem em remanescentes florestais na cidade de João Pessoa, Paraíba (07°06'S, 34°51'W). As áreas representativas destes remanescentes aqui estudadas são a Mata do Buraquinho (MB) e o Campus da Universidade Federal da Paraíba (CU). A Mata do Buraquinho é uma Área de Proteção com 515 ha, dos quais 343 ha pertencem ao Jardim Botânico da SUDEMA (Superintendencia de Administração do

¹ Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Departamento de Ciências Biológicas, Piracicaba, SP, CEP 13418-900, percequi@esalq.usp.br.

² Departamento de Sistemática e Ecologia, CCEN, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Pb, CEP 58059-900.

Meio Ambiente do Estado da Paraíba) e o restante ao IBAMA. A vegetação, em vários estágios de sucessão, é de floresta estacional semi-decidual, representante típica das florestas pluviais costeiras nordestino-brasileiras, com elementos amazônicos e da hiléia baiana (Andrade-Lima & Rocha, 1971). O relevo é ondulado e drenado pelo rio Jaguaribe, o qual, represado, forma o Açude do Buraquinho dentro da reserva (Andrade-Lima & Rocha, 1971; Barbosa, 1996). A área onde está situado o Campus Universitário tem cerca de 34,5 ha de fragmentos de mata nativa de tamanho e estado de conservação variáveis, protegidos pela legislação da instituição.

Os exemplares examinados estão depositados na Coleção de Mamíferos do Departamento de Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba. Foram feitas entrevistas com os guardas florestais que trabalham na Mata do Buraquinho para obter informações adicionais sobre mamíferos de médio e grande porte.

ORDEM DIDELPHIMORPHIA

Seis espécies foram registradas nas áreas de estudo. Os marsupiais brasileiros podem ser reconhecidos pela presença de mamas na região abdominal e inguinal das fêmeas, o marsúpio pode estar presente recobrando as mamas ou ausente, bolsa escrotal situada antes do pênis, que é interno e evertido no ato da cópula, pés com o dedo I oponível, dentição com três pré-molares e quatro molares.

Família Didelphidae

Caluromys philander (Linnaeus, 1758) - Cuíca-lanosa

Descrição: Pelagem macia e muito densa; coloração dorsal creme-avermelhada, mais ruiva na porção dorsal mediana. Colorido da cabeça semelhante ao do dorso.

Faixa castanho-escura entre os olhos, que se estende das orelhas ao nariz; coloração ventral amarelo-alaranjado da ponta do queixo até a região inguinal, porção lateral da barriga com pêlos amarelo-acinzentados. Cauda mais longa que o corpo, recoberta nos 20 a 30 mm basais, de pelos semelhantes aos do dorso; restante da cauda variegada, formando mosaico de áreas pigmentadas e não pigmentadas ou totalmente pigmentada. Fêmeas sem bolsa marsupial; região inguinal amarela-ferrugem. Crânio com processo pós-orbital bem desenvolvido, palato completamente ossificado ou com diminutas perfurações, o que distingue esta espécie das demais presentes na área.

Comentário: Esta espécie apresenta hábito escansorial usando tanto o estrato terrestre quanto o estrato arbóreo, com maior preferência pelo estrato arbóreo.

Material examinado - CU: UFPB 2380, 2381, 2385, 2388.

Didelphis albiventris Lund, 1840 - Cassaco, gambá, tímú

Descrição: Os adultos de *D. albiventris* são maiores que os demais marsupiais da região. Além do tamanho, esta espécie pode ser reconhecida pela pelagem muito longa e densa, com pêlos de cobertura muito longos (45 a 55 mm) e conspícuos; pelagem dorsal preta salpicada de branco; face predominantemente branca, com distinta faixa mediana preta e máscara preta ao redor dos olhos; ventre branco, da cabeça até a porção inguinal, com manchas de coloração ocrácea entre os braços, peito e ao redor da bolsa escrotal. Fêmeas com marsúpio bem desenvolvido, de cor avermelhada em vida; machos com o escroto não pigmentado, recoberto por pêlos brancos ou branco-amarelados. Orelhas totalmente brancas ou brancas com a base preta. Cauda mais longa ou igual ao corpo, preênsil,

com o terço basal recoberto por pêlos longos, de coloração semelhante à dorsal; as escamas caudais são grandes e conspícuas. Crânio robusto, com crista sagital desenvolvida e proporcionalmente maior que a das outras espécies de marsupiais da área de estudo.

Comentário: Lemos & Cerqueira (2002) discutem diferenças anatômicas e morfométricas entre esta e outras espécies do gênero com orelhas brancas, *D. imperfecta* (Guianas) e *D. pernigra* (Andes). Esta espécie é muito abundante, avistada principalmente durante a noite. Pode ser encontrada no solo, cipós e copa de árvores.

Material examinado - CU: UFPB 12, 14.

Marmosa murina (Linnaeus, 1758) - Cuíca-pequena

Descrição: Espécie pequena, pelagem macia e curta. Coloração dorsal castanho clara, finamente salpicada de castanho escuro; barriga creme amarelado imaculado ou róseo da ponta do queixo até a região inguinal, com lados da barriga recobertos por pêlos amarelo-acinzentados. Fêmeas sem marsúpio, região das mamas levemente arruivada; machos com escroto escuro, recoberto por pêlos amarelados, curtos e esparsos. Cauda bem mais longa que o comprimento da cabeça e corpo; orelhas longas; pés pequenos. Manchas periorculares bem pronunciadas que se estendem da porção anterior da orelha até o extremo do focinho. Crânio com cristas supraorbitais pouco desenvolvidas, palato com perfurações longas e largas. Comparada com *M. demerarae* apresenta crânio menor e perfurações proporcionalmente maiores.

Comentário: Como a espécie anterior, *Marmosa murina* foi observada em atividade durante a noite, andando no solo ou em arbustos.

Material examinado - MB: UFPB 2532, 2533; CU: 2535, 2536, 2537, 2539, 2544, 4456, 4465.

Micoureus demerarae (Thomas, 1905) - Cuíca-cinzenta

Descrição: Marsupial pequeno que se caracteriza pela pelagem macia, densa e longa. Coloração dorsal creme intensamente salpicada de cinza; ventralmente creme amarelado na porção ventral da cabeça estendendo-se entre os braços e tórax, alternando para amarelo acinzentado na região abdominal e creme amarelado mais intenso na região inguinal. Fêmeas sem marsúpio, região das mamas de cor alaranjada ou intenso ferrugem. Cauda mais longa que o corpo; porção basal (1/6) da cauda recoberta por pêlos; metade a 3/4 distais da cauda, com áreas pigmentadas (castanho) e não pigmentadas. O crânio difere das demais espécies por apresentar uma região interorbital com cristas supraorbitais bem desenvolvidas e o palato com fenestras estreitas e pequenas.

Material examinado - CU: UFPB 2401, 2406, 2407, 2408, 2411, 2413, 2414, 2417, 2421, 2422, 2423, 2424, 3905, 3906, 3907, 3908, 3909.

Monodelphis americana (Müller, 1776) - Rato-cachorro-de-três-listras

Descrição: Esta espécie pode ser diferenciada das outras pelo tamanho pequeno, listras escuras longitudinais ao longo do dorso e cauda mais curta que o comprimento da cabeça e corpo, característica esta última de todas as espécies do gênero. A pelagem é curta e macia; castanho-avermelhado na cabeça, creme-amarelado intensamente salpicado de castanho da porção posterior da cabeça aos quadris; corpo castanho-avermelhado na porção posterior, com três listras castanho-escuras ao longo do dorso, a mais central estende-se do topo da cabeça (entre as orelhas) até a região da garupa, as duas laterais da porção mediana dorsal até a garupa; ventre creme-amarelado a creme avermelhado; cauda dorsalmente castanho-escura, ventralmente amarelo avermelhado.

Material examinado - CU: UFPB 992, 413.

Monodelphis domestica (Wagner, 1842) - Rato-cachorro

Descrição: Esta espécie difere de *M. americana* pelo maior tamanho, pelagem mais longa e mais macia, coloração dorsal mais homogênea, creme amarelo ou creme alaranjado fraco ou intensamente salpicado de castanho-escuro; ventralmente amarelado ou alaranjado salpicado de cinza; cauda castanho-escura, dorsal e ventralmente salpicado de amarelo, mais clara ventralmente.

Comentário: Todos os exemplares desta espécie foram obtidos no interior da Mata.

Material examinado - CU: UFPB 1962, 1963, 2492, 2494, 2495, 2500, 2503, 2504, 2508, 2512, 2516, 2550, 2507, 2511, 3900, 3902.

ORDEM XENARTHRA

Quatro espécies da ordem Xenarthra, que inclui tatus preguiças e tamanduas foram registradas nas áreas de estudo. Estes animais podem ser diferenciados das demais espécies de mamíferos que ocorrem na região por apresentarem simplificação e redução parcial ou total do número de dentes e garras muito desenvolvidas, pelo menos nos membros anteriores.

Família Bradypodidae

Bradypus variegatus Schinz, 1825 - Preguiça

Descrição: Esta preguiça possui uma pelagem cinzenta longa e densa, com manchas escuras no meio do dorso. A cabeça tem rosto curto e a cauda é bem curta. As mãos e os pés têm garras longas e agudas. De acordo

com pessoas entrevistadas, a preguiça é um bicho comum nas áreas, freqüentemente observada em atividade durante o dia, inclusive com filhote. No campus da universidade esta espécie é comumente avistada alimentando-se de embaúbas (*Cecropia* sp) ou deslocando-se pelo chão entre as ilhas de mata.

Material examinado - CU: UFPB 753, 754.

Família Dasypodidae

Dasypus novemcinctus Linnaeus, 1758 - Tatu-verdadeiro

Descrição: Esta espécie apresenta o corpo recoberto por uma carapaça com 8-10 bandas articuladas; cabeça e cauda possuem cobertura própria. Não coletamos nenhum exemplar, mas os entrevistados mencionaram a presença deste tatu na Mata do Buraquinho.

Família Myrmecophagidae

Cyclopes didactylus (Linnaeus, 1758) - Tamanduá-i

Descrição: O tamanduá-i é pequeno, a cauda é longa e preênsil. A pelagem dorsal é macia e lanosa, dorsalmente amarela dourada, com estreita faixa preta ao longo da coluna vertebral. Nós não coletamos este pequeno marsupial de hábitos crípticos, mas um dos entrevistados relatou que em 14 anos observou o tamanduá-i em três ocasiões na Mata do Buraquinho.

Tamandua tetradactyla (Linnaeus, 1758) - Tamanduá-mirim

Descrição: Esta espécie tem pelagem áspera de cor amarelada e com um colete preto. É uma espécie de médio porte, com uma cauda longa e preênsil. Os

exemplares na coleção foram encontrados atropelados nos arredores da unidade de conservação e no campus.

Material examinado - MB: UFPB 777, 2027; CU: 779, 781.

ORDEM CHIROPTERA

Foram registradas treze espécies de morcegos pertencentes a quatro famílias. Uma característica desta ordem é a presença de asas membranosas.

Família Emballonuridae

Rhynchonycteris naso (Wied-Neuwied, 1820) - Morcego-de-tromba

Descrição: Esta espécie tem a pelagem dorsal macia e densa, marrom-acinzentada; ventralmente mais acinzentada, com pêlos mais escuros na base e claros no ápice. Tem duas listras brancas dorso-longitudinais, do pescoço à região caudal mais o menos evidentes. A pele do antebraço é revestida dorsalmente por pequenos tufos de pêlos esbranquiçados. O uropatágio é bastante piloso. O focinho é alongado, com a extremidade projetando-se além do lábio inferior, como pequena tromba. O calcâneo é maior que a tíbia. O crânio apresenta o pré-maxilar alargado na superfície superior do rosto. Processos pós-orbitais bem desenvolvidos.

Comentário: Estes morcegos descansam durante o dia, em árvores próximas a riachos ou debaixo de pontes. Esta espécie assemelha-se às do gênero *Saccopteryx*, das quais pode ser diferenciada pela coloração mais clara, presença de tufos de pêlos esbranquiçados no antebraço e ausência das bolsas glandulares na membrana localizada na poção anterior do braço (Plumpton & Jones, 1992).

Material examinado - MB: UFPB 1304, 1310, 1311, 1312, 1313, 1315, 1317, 1319.

Saccopteryx leptura (Schreber, 1774) - Morcego

Descrição: Espécie de pequeno porte, caracterizado por apresentar bolsa glandular em ambos os lados do propatágio (membrana na face anterior do braço), rudimentar nas fêmeas. Pelagem dorsal marrom escuro uniforme; duas listras brancas longitudinais do pescoço à região caudal. Coloração ventral mais clara que a dorsal, pêlos mais escuros na base e pouco esbranquiçados no ápice. O crânio com processos pós-orbitais bem desenvolvidos. Os premaxilares geralmente não estão em contato.

Material examinado - CU: UFPB 1295, 1296.

Família Phyllostomidae

Subfamília Carolliinae

Carollia perspicillata (Linnaeus, 1758) - Morcego-fruteiro-de-cauda-curta

Descrição: Pelagem dorsal marrom-escuro, ligeiramente acinzentada, pêlos mais escuros no apice base e esbranquiçados na base, ventralmente é mais clara. Cauda curta, cerca de um terço do comprimento do uropatágio. Lábio inferior com verruga central desenvolvida, circundada por pequenas papilas dispostas em semicírculo. Orelhas curtas, largas e pontudas. Crânio com arco zigomático incompleto.

Comentário: Aspectos da biologia e ecologia de *Carollia perspicillata*, bem como uma diagnose da espécie foram publicados por Fleming (1988) e Cloutier & Thomas (1992).

Material examinado - MB: UFPB 3665, 3666, 3667, 3668, 3669; CU: 3771.

Subfamília Stenodermatinae

Artibeus cinereus (Gervais, 1856) - Pequeno-morcego-fruteiro

Descrição: Esta espécie de morcego diferencia-se das demais do gênero na área de estudo pelo menor tamanho. O uropatágio é muito estreito, pouco perceptível a cauda está ausente. A pelagem dorsal é marrom-escura e as listras faciais são bem definidas.

Material examinado - CU: UFPB 1535, 1551, 1553, 1555, 1568.

Artibeus lituratus (Olfers, 1818) - Morcego-fruteiro-de-cabeça-listrada

Descrição: Animais grandes, coloração dorsal e ventral marrom achocolatado; uropatágio, pernas e antebraço bem hirsutos; folha nasal longa e larga; listras faciais bem evidentes. Crânio robusto, constrição pós-orbitária bem acentuada e localizada imediatamente após os processos pós-orbitários; processos pré-orbital e pós-orbital bem desenvolvidos, constrição pós-orbital acentuada, processo angular amplo, 3º molar superior ausente (Marques-Aguiar, 1994).

Comentário: É o maior morcego frugívoro das áreas de estudo e uma das maiores espécies do gênero, com ampla distribuição geográfica no Brasil (Simmons, 2005).

Material examinado - MB: UFPB64; CU: UFPB 61, 67.

Artibeus jamaicensis (Leach, 1821) - Morcego-fruteiro

Descrição: Animais de médio porte, pêlos dorsais marrom-acinzentados, ventralmente mais claros, listras faciais menos evidentes do que em *A. lituratus*. O

uropatágio e o antebraço são revestidos por poucos pêlos; a folha nasal é curta e larga, cordiforme. Quando comparado com *A. lituratus*, o crânio de *A. jamaicensis* tem a constrição pós-orbitária mais larga e situada bastante mais atrás dos processos postorbitários; 3º molar posterior presente (Handley, 1989). Esta espécie foi revisada por Marques-Aguiar (1994) e Taddei *et al.* (1998).

Comentário: É um dos morcegos frugívoros mais comuns na região Neotropical e na área de estudo sendo frequente em áreas urbanas.

Material examinado - MB: UFPB 48, 50, 51, 53, 56, 63, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, ; CU: .52, 58, 59, 60, 68, 76, 80, 1777.

Artibeus obscurus (Schinz, 1821) - Morcego-fruteiro-marrom

Descrição: Morcego de porte pequeno a médio. Coloração dorsal marrom escuro, no ventre um pouco mais clara e com as listras faciais tênues, as vezes não visíveis. Folha nasal longa e estreita, lanceolada. Antebraço e uropatágio densamente recobertos por pêlos, dactilopatágio menor e mais escuro, da mesma cor que a membrana da asa. Crânio pequeno, menor que o de *A. jamaicensis* e *A. lituratus*, constrição pós-orbitária acentuada e próxima ao processo pós-orbitário, 3º molar superior ausente.

Material examinado - MB: UFPB 3779, 3885; CU: UFPB1778.

Platyrrhinus lineatus (E. Geoffroy, 1810) - Morcego-linha-branca

Descrição: Tamanho médio. Coloração dorsal marrom intensamente salpicado de creme amarelado, ventralmente mais claro e esbranquiçado. Listras

faciais evidentes, focinho curto; folha nasal bem desenvolvida e lanceolada. Estes morcegos são facilmente reconhecidos por terem uma lista dorsal clara que vai da nuca á região lombar. Esta característica separa *Platyrrhinus* de *Uroderma* que tem a lista apenas nas espáduas e pode ocorrer em simpatria na Paraíba. O crânio de *P. lineatus* tem o rosto mais alongado e estreito que o dos pequenos *Artibeus*.

Comentário: Esta é a espécie mais comum e abundante do gênero e tem a mesma distribuição de *Platyrrhinus helleri* e *P. recifinus*. A diferenciação entre estas espécies é feita através de caracteres morfológicos externos e medidas cranianas (Vicente, 2000).

Material examinado - MB: UFPB 19, 25, 29, 35, 36, 38, 44, 47, 1487; CU: UFPB 18, 22, 24, 30, 33, 34, 37, 45, 46.

Sturnira lilium (E. Geoffroy, 1810) - Morcego-de-ombros-amarelos

Descrição: São morcegos com uropatágio estreito e pouco perceptível, densamente piloso, e cauda ausente. Dorsalmente é marrom amarelado, mais claro no ventre. Os machos possuem uma glândula no ombro, cuja secreção deixa uma mancha amarela ou ruiva nesta região. O calcâneo é ausente.

Comentário: *Sturnira lilium* e *S. tildae* ocorrem simpatricamente e podem ser diferenciadas pelas medidas externas e caracteres cranianos (Simmons & Voss, 1998). A outra espécie conhecida, *Sturnira bidens*, apresenta distribuição amazônica (Gannon *et al.*, 1989; Fonseca *et al.*, 1996).

Material examinado - CU: UFPB 83, 86, 90, 99, 98.

Família Vespertilionidae

Eptesicus brasiliensis (Desmarest, 1819) - Morcego

Descrição: Este morcego diferencia-se dos demais na área de estudo pela coloração dorsal castanho-escuro e base dos pêlos mais escura que o ápice. Ventralmente é acinzentado, com pêlos escuros na base e ápice esbranquiçado. O rosto não tem folha nasal, o trago é longo e estreito, orientado rostralmente. A cauda é longa, inteiramente incluída no uropatágio.

Comentário: *Eptesicus brasiliensis* diferencia-se de *Eptesicus furinalis* pelo maior tamanho e pela maior altura do crânio. Uma revisão do gênero *Eptesicus* da América do Sul foi feita por Davis (1966).

Material examinado - MB: UFPB 3884.

Eptesicus furinalis (d'Orbigny, 1847) - Morcego

Descrição: A coloração da pelagem dorsal é castanho-escuro, ventralmente acinzentada com pêlos esbranquiçados no ápice e negros na base, a membrana da asa é escura. Folha nasal ausente; trago longo, estreito e orientado rostralmente. Cauda longa, inteiramente incluída no uropatágio.

Comentário: A revisão desta espécie foi feita por Mies *et al.* (1996). É um morcego abundante na área de estudo e amplamente distribuído pelo Brasil (Marinho-Filho & Sazima, 1998). As espécies do gênero *Eptesicus* voam mais alto que as redes de neblina para coleta, o que diminui a chance de captura.

Material examinado - MB: UFPB 1641.

Myotis nigricans (Schinz 1821) - Morcego-borboleta-escuro

Descrição: Uropatágio bem desenvolvido, cauda longa, inteiramente contida no uropatágio. Coloração dorsal marrom-escuro, mais clara na barriga, com a base dos pêlos escura e a ponta esbranquiçada. Antebraço desprovido de pêlos. Trago longo e afilado na extremidade, com lobo arredondado na base, projetado cranialmente. Calcâneo mais longo que o pé.

Comentário: Este morcego se distingue dos demais na área de estudo pelo pequeno tamanho, pelo trago sem saliência rostral e pela presença de três premolares superiores (Vizotto & Taddei, 1973). A revisão referência para o gênero *Myotis* é a de LaVal (1973). *M. nigricans* ocorre em simpatria com *M. albescens*, ambas são diferenciadas pela largura pós-orbitária e largura da caixa craniana, maiores em *M. albescens* (Simmons & Voss, 1998).

Material examinado - CU: UFPB 1626, 1630.

Rhogeessa io (Thomas 1903) - Morceguinho-amarelo

Descrição: Morcego de pequeno porte que pode ser diferenciado dos demais pela coloração dorsal, creme salpicado de castanho, com pêlos claros na base e escuros na ponta. Uropatágio grande e desprovido de pêlos.

Comentário: De acordo com Simmons (2005), *Rhogeessa io* é o nome correto para esta espécie, *R. tumida* é um sinônimo júnior. Este gênero inclui os menores morcegos neotropicais. Aparentemente são raros, porém amplamente distribuídos pelo Brasil salvo o pantanal (Marinho-Filho & Sazima, 1998).

Material examinado - CU: UFPB 1634.

Família Molossidae

Molossus molossus (Pallas 1766) - Morcego-cauda-livre

Descrição: Esta espécie é facilmente diferenciada das demais da região por apresentar uma cauda longa, prolongando-se além do uropatágio, livre na porção distal. A coloração dorsal é marrom escuro, ventralmente é marrom acinzentada. O antítrago da orelha é ovalado, constricta na base. Calcâneo desprovido de pêlos. Crânio com crista sagital anterior desenvolvida, palato raso. Os incisivos superiores são mais alongados, com ápices pouco divergentes.

Comentário: Uma boa revisão dos molossídeos brasileiros com chaves para identificação foi feita por Gregorin & Taddei (2002).

Material examinado - MB: UFPB 1642, 1643, 1644, 1645, 1647, 1651, 1660, 1663; CU: 1654.

ORDEM PRIMATES

Os primatas conhecidos como micos, sagüis e macacos têm os polegares oponíveis, cauda longa e pilosa, e são essencialmente arborícolas. Apenas o sagüi-de-tufo-branco foi registrado nas áreas estudadas.

Família Callitrichidae

Callithrix jacchus (Linnaeus, 1758) - Sagüi-de-tufo-branco

Descrição: Primata de pequeno porte, cauda longa e anelada, apresenta tufo de pêlos brancos ao redor das orelhas.

Comentário: O sagüi-de-tufo-branco vive em grupos familiares e tem o hábito de roer o tronco das árvores para se alimentar da goma exsudada. Na Mata do Buraquinho este pequeno sagüi parece não ser comum, mas na área do campus da UFPB os grupos de sagüis são freqüentemente avistados.

Material examinado - CU: UFPB 1026, 2016, 2251, 2252, 2253, 2257, 2261, 2264, 2286.

ORDEM CARNIVORA

Família Canidae

Cerdocyon thous (Linnaeus, 1766) - Raposa

Descrição: Este canídeo apresenta o focinho alongado, orelhas compridas, cauda longa e pilosa. A pelagem é longa e densa e a coloração geral do dorso é amarelo grisalho salpicado de preto, mais escura no dorso e mais claro nos pés. A cauda é quase inteiramente preta, amarelo grisalho na base. A formula dentaria é: i 3/3; c 1/1; pm 4/4; m 2/3 = 42

Comentário: A raposa é comum durante a noite no campus universitário. Os dois exemplares da coleção foram atropelados na borda da Mata do Buraquinho.

Material examinado - MB: UFPB 839, 853.

Família Procyonidae

Procyon cancrivorus (Cuvier, 1793) - Guaxinim

Descrição: O guaxinim tem a pelagem dorsal longa e densa, de cor grisalha acinzentada, amarela ou avermelhada, salpicada de preto. O caráter mais evidente desta espécie é a máscara preta que envolve os olhos. Os dedos são alongados e afilados. A formula dentaria é: i 3/3; c 1/1; pm 4/4; m 2/2 = 40.

Comentário: É um animal noturno e muito arredo. Tres entrevistados afirmam ter visto o Guaxinim na Mata do Buraquinho.

Material examinado - MB: UFPB 1432.

Família Mustelidae

Lontra longicaudis (Olfers, 1818) - Lontra

Descrição: Este animal semi-aquático tem a pelagem curta e muito densa, marrom escuro uniforme no dorso. Focinho e orelhas curtas, corpo alongado, membros curtos, cauda longa e achatada, dedos e artelhos unidos por membranas. A formula dentaria é: i 3/3; c 1/1; pm 4/3; m 1/2 = 36.

Comentário: A espécie não foi coletada e nem mencionada pelos entrevistados, mas em 2004 um indivíduo foi capturado no Açude do Buraquinho e solto no mesmo lugar.

ORDEM RODENTIA

Sete espécies de roedores das famílias Sciuridae (1), Muridae Erethizontidae (1), Dasyproctidae (1), Caviidae (1) foram registradas nas áreas de estudo. Estes mamíferos se caracterizam por terem dois incisivos cortantes no extremo anterior do rosto, separados dos molares por um diástema.

Família Sciuridae

Sciurus alphonsei Thomas 1906 - Esquilo, caxinguelê

Descrição: Este é um pequeno roedor de fácil reconhecimento, por causa da pelagem espessa, marrom olivácea; cauda mais longa que o corpo, recoberta por pêlos muito longos. Usualmente o animal

mantém a cauda levantada, apoiada sobre o dorso. Mãos e pés relativamente grandes para o tamanho do seu corpo, providos com garras fortes e longas. Crânio com forâmen magno disposto mais ventral que nos outros roedores.

Comentário: Os esquilos são animais essencialmente arborícolas e foram observados pelos entrevistados em diversas ocasiões, próximos às palmeiras e mangueiras da sede do IBAMA na Mata do Buraquinho. Também já foram avistados no Campus Universitário. Os esquilos podem ser diferenciados dos sagüis pela ausência de tufo de pêlos brancos na cabeça e ausência de faixas ou anéis de coloração mais clara na cauda.

Material examinado - MB: UFPB 2980; CU: UFPB 2981.

Família Muridae

Subfamília Sigmodontinae

Akodon aff. *cursor* - Rato-catita

Descrição: Este roedor pode ser reconhecido por ter a pelagem densa e macia, coloração dorsal marrom olivácea, mais clara na barriga. Cauda mais curta que a cabeça e corpo juntos, castanho escuro, pés recobertos por pêlos castanhos escuros. Crânio com forâmen incisivo bem longo, alcançando o primeiro molar, com margens laterais divergentes atrás; região interorbital estreita em forma de ampulheta, margens supraorbitais arredondadas; placas parapterigóideas iguais ou mais largas que a fossa mesopterigóidea. A lâmina anterior do primeiro molar superior tem uma fenda vertical mediana (flexo anteromediano).

Comentário: Um grupo de espécies do gênero *Akodon*, chamado de “grupo cursor” são morfologicamente semelhantes, mas têm cariótipos diferentes, por exemplo, *Akodon montensis* tem $2n=24$, *Akodon*

cursor do nordeste tem $2n=16$, (Maia & Langguth 1981, Rieger *et al.* 1995), e a forma do sudeste $2n=14$ (Christoff *et al.* 2000). Trata-se de espécies cripticas sendo praxe usar o nome *A. aff. cursor* para a forma com $2n=16$. Vivem no chão da mata.

Material examinado: UFPB 148, 126, 118, 127, 113, 150, 143, 138, 122, 230, 119, 115, 134, 123, 144, 188, 111, 152, 112.

Necomys lasiurus (Lund, 1841) - Pixuna

Descrição: Os animais desta espécie são caracterizados por terem a pelagem longa e macia, coloração dorsal olivácea salpicada de castanho escuro, barriga creme acinzentada. Cauda mais curta que o corpo. Pés recobertos por pêlos claros. Cabeça com anel periocular claro, amarelado. Crânio com rostro curto (mais curto que no rato catita); forâmen incisivo longo alcançando a série molar, com margens laterais convergindo posteriormente. Região inteorbital com margens afiadas e convergentes, formando posteriormente uma projeção aguda. Placas parapterigóideas bem mais estreitas que a fossa mesopterigóidea. Lâmina anterior do primeiro molar superior sem fenda vertical.

Material examinado - CU: UFPB 2838, 2859, 121, 2812.

Oryzomys (Cerradomys) aff. subflavus - Rato-de-fava

Descrição: É um rato grande com pelagem mais longa e áspera que os outros. Cabeça acinzentada; dorso marrom alaranjado ou avermelhado salpicado de castanho escuro; grisalho na barriga. Cauda uniformemente castanha, mais longa que a cabeça e o corpo juntos. Crânio com forâmen incisivo longo, não alcançando a série molar ou apenas chegando ao

alvéolo do primeiro molar superior; região interorbital divergente atrás, com as margens surpraorbitais formando cristas bem desenvolvidas; placas parapterigóideas muito mais largas que a fossa mesopterigóidea.

Comentário: As espécies de *Oryzomys* do “grupo *subflavus*”, subgênero *Cerradomys* de alguns autores, foram estudadas por Bonvicino *et al.* (1999), Bonvicino & Moreira (2001), Langguth & Bonvicino (2002). Percequillo *et al.* (no prelo) relatam que as amostras do nordeste do Brasil, ao norte do Rio São Francisco apresentam algumas características cariotípicas (Maia e Hulak, 1978) e ligeiras diferenças morfométricas em relação a outras espécies deste grupo. Como no caso do rato catita, por se tratar de uma espécie críptica, usamos o nome *Orizomys* aff. *subflavus*.

Material examinado - CU: UFPB 2372, 2370, 2373, 2769, 2371, 2378, 2079, 2081.

Família Dasyproctidae

Dasyprocta prymnolopha Wagler 1831 - Cutia

Descrição: A cutia é um dos maiores roedores da área estudada, tem patas compridas e finas, garupa recoberta por longos pêlos de coloração avermelhada e a cabeça de perfil retangular.

Comentário: De acordo com os entrevistados, cutias são frequentes na Mata do Buraquinho, nas áreas com dendê, buritis e em picadas próximas de riacho. Cutias de origens diversas foram soltas no Campus Universitário e nas Mata do Buraquinho por diferentes pessoas e pelo próprio IBAMA. Se elas sobreviveram aos caçadores é provável que a população seja híbrida.

Família Caviidae

Galea spixii (Wagler, 1831) - Preá

Descrição: Os preás são menores do que as cutias e maiores que os roedores sigmodontíneos. Tem três artelhos (os sigmodontídeos têm cinco), pelagem rala e áspera, dorsalmente creme-amarelado salpicado de castanho, barriga branco grisalho e cauda ausente. Aorredor dos olhos tem um anel de coloração mais clara. Crânio com forâmen infraorbital grande, incisivos largos com a face anterior amarela; um pré-molar e três molares, prismáticos e laminares.

Material examinado - CU: UFPB 2167, 2090.

Família Erethizontidae

Coendou prehensilis (Linnaeus, 1758) - Coendu, ouriço

Descrição: Este roedor pode ser reconhecido pelo seu grande tamanho, e pelos espinhos longos e duros que recobrem todo o corpo. A cauda é longa e preênsil.

Material examinado - CU: UFPB 931, 932.

ORDEMLAGOMORPHA

Família Leporidae

Sylvilagus brasiliensis (Linnaeus, 1758) - Tapeti

Descrição: O tapeti é uma pequena lebre, facilmente identificável pela pelagem macia e curta, de coloração aguti, com uma mancha alaranjada na região nugal, orelhas longas e cauda curta.

Comentário: Não existem registros recentes desta espécie no Campus Universitário nem na Mata do Buraquinho, talvez devido a predação de carnívoros domésticos.

Material examinado - CU: UFPB 927, 930.

CONSERVAÇÃO

De modo geral, a mastofauna registrada nas áreas estudadas apresenta espécies tolerantes às perturbações ambientais. Dentre as espécies sensíveis às ações antrópicas compõem-se a lontra, o tapeti, os tamanduás e as raposas. A presença de tamanduá-i na região é bem interessante, pois é uma espécie de hábitos crípticos e considerada rara em sua área de ocorrência. Com relação aos mamíferos de grande porte, como porcos, antas, veados e onças, já estão extintos na região, porque são animais muito caçados e que necessitam de bastante espaço para viverem.

Uma das pressões de predação mais fortes sobre os animais da área estudada é a caça. Há muitos bairros no entorno das áreas estudadas e os entrevistados relataram que as pessoas ainda praticam a caça como atividade de subsistência. O isolamento dos fragmentos de mata também é um fator que compromete a sobrevivência das espécies, dificultando o trânsito dos animais, como vem ocorrendo devido ao alargamento da rodovia BR-230 nas áreas estudadas. Além disso, o trânsito de veículos atropela e mata os animais quando estes estão se locomovendo de uma área para outra. Este conjunto de situações poderá, em curto prazo, causar a extinção local das espécies menos tolerantes às perturbações ambientais e também daquelas que necessitem de mais espaço para desenvolverem suas atividades, como os carnívoros e os primatas.

Agradecimentos: Adeildo Pessoa, Alfredo Ximenez, Carmen Alonso, Dalia Rizer Nogueira, Joaquim Leite, Maria da Penha Silva, Oriel da Silva Farias, e Valéria Penna Firme contribuíram para a coleta de dados.

REFERÊNCIAS

- Andrade-Lima, D. & M.G. Rocha, 1971. Observações preliminares sobre a Mata do Buraquinho, João Pessoa, Paraíba. **Anais do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco**, Recife 1: 47-61.
- Barbosa, M.R.V., 1996. **Estudo Florístico e Fitossociológico da Mata do Buraquinho em João Pessoa, PB**. Tese de doutorado em Ciências-Botânica, Universidade Estadual de Campinas 136p.
- Bonvicino, C.R. & M.A.M. Moreira, 2001. Molecular Phylogeny of the genus *Oryzomys* (Rodentia: Sigmodontinae) based on Cytochrome *b* DNA Sequences. **Molecular Phylogenetics and Evolution** 18: 282-292.
- Bonvicino, C.R., I.B. Otazu & P.M. Borodin, 1999. Chromosome variation in *Oryzomys subflavus* species group (Sigmodontinae, Rodentia) and its taxonomic implication. **Cytologia** 64: 327-332.
- Christoff, A.U., V. Fagundes, I.J. Sbalquero, M.S. Mattevi, & Y. Yonenaga-Yassuda, 2000. Description of a new species of Akodon (Rodentia: Sigmodontinae) from Southern Brazil. **Journal of Mammalogy** 81: 838-851.
- Cloutier, D. & D.W. Thomas, 1992. *Carollia perspicillata*. **Mammalian Species** 417: 1-9.
- Davis, W. R. 1966. Review of South American bats of the genus *Epitesicus*. **Southwestern Naturalist** 11: 245-274.
- Fleming, T.H. 1988. **The short-tailed fruit bat: a study in plant-animal interactions**. University of Chicago Press.
- Fonseca, G.A.B., G. Herrmann, Y.R.L. Leite, R. Mittermeier, A.B. Rylands & J.L. Patton, 1996. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil. **Ocasional Papers in Conservation Biology** 4: 1-38.
- Gannon, W.L., M.R. Willig & J.K. Jones, 1989. *Sturnira lilium*. **Mammalian Species** 333:1-5.
- Gregorin R. & V.A. Taddei, 2002. Chave artificial para a identificação de molossídeos brasileiros (Mammalia, Chiroptera). **Mastozoologia Neotropical** 9: 13-32.
- Handley, C.O., Jr. 1989. The *Artibeus* of Gray, 1838. In: **Advances in Neotropical Mammalogy** (K. H. Redford & J.F. Eisenberg, Eds.). Sandhill Crane Press, Gainesville, Florida.
- Langguth, A. & C.R. Bonvicino, 2002. The *Oryzomys subflavus* group, with description of two new species (Rodentia, Muridae, Sigmodontinae). **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro 60: 285-294.
- La Val 1973. A revision of the Neotropical bats of the genus *Myotis*. **Science Bulletin of the National History Museum of the Los Angeles County** 15: 1-54.
- Lemos, B. & R. Cerqueira, R. 2002. Morphological differentiation in the white-eared opossum group (Didelphidae: *Didelphis*). **Journal of Mammalogy** 83: 354-369.

- Maia, V & Hulak, A. 1978. Robertsonian polymorphism in chromosomes of *Oryzomys subflavus* (Rodentia, Cricetidae). **Cytogenetics and Cell Genetics** 31: 33-39.
- Maia, V. & A. Langguth, 1981. New karyotypes of Brazilian Akodont rodents with notes on taxonomy. **Zeitschr für Säugetierk** 46: 241-249.
- Marinho-Filho, J. & I. Sazima, 1998. Brazilian bats and conservation biology. A first survey. *In: Bat – Biology and Conservation* (T. H. Kunz & P. A. Racey, Eds.). Smithsonian Institution Press, Washington, DC.
- Marques-Aguiar, S. A. 1994. A systematic review of the larger species of *Artibeus* Leach, 1821 (Mammalia: Chiroptera), with some phylogenetic inferences. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Zoologia** 10: 3-83.
- Oliveira, F. F. & A. Langguth, 2004. Pequenos mamíferos (Didelphimorphia e Rodentia) da Paraíba e Pernambuco, Brasil. **Revista Nordestina de Biologia** 18: 19-86.
- Oliveira, J.A., P.R. Gonçalves & C.R. Bonvicino, 2003. Mamíferos da Caatinga. *In: Ecologia e Conservação da Caatinga* (Leal, I. R., M. Tabarelli & J.M.C. Silva, Eds.). Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Plumpton, D. L. & J. K. Jones, Jr. 1992. *Rychonycteris naso*. **Mammalian Species** 413: 1-5.
- Rieger, T.T., A. Langguth & T.A. Weimer, 1995. Allozymic characterization and evolutionary relationships in the Brazilian *Akodon* cursor species group (Rodentia, Cricetidae). **Biochemical Genetics** 33: 283-295.
- Simmons, N. B. 2005. Order Chiroptera. *In: Mammal Species of the World: A taxonomic and geographic reference* (Wilson, D. E. & D.A. Reeder, Eds.). Johns Hopkins Press, New York.
- Simmons, N. B. & R.S. Voss, 1998. The mammals of Paracou, French Guiana. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 237:1-219.
- Taddei, V.A., C.A. Nobile & E. Moriele-Versute, 1998. Distribuição geográfica e análise morfométrica comparativa em *Artibeus obscurus* (Schinz, 1821) e *Artibeus fimbriatus* Gray, 1838 (Chiroptera, Phyllostomidae). **Ensaio e Ciência** 2: 71-127.
- Vivo, M. 1996. How many species of mammals are there in Brazil? Taxonomic practice and diversity evaluation. *In: Biodiversity in Brazil. A first approach*. (Bicudo, C.E. & N.A. Menezes, Eds.). Workshop: Methods for the assessment of the biodiversity in plants and animals, Campos do Jordão, São Paulo.
- Vizotto, L. D. & V.A. Taddei, 1973. **Chave para identificação de quirópteros brasileiros**. São José do Rio Preto, São Paulo, 72p.
- Voss, R. S. & S. A. Jansa 2003. Phylogenetic studies on didelphid marsupials. II. Nonmolecular data and new IRBP sequences: separate and combined analyses of didelphine relationships with denser taxon sampling. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 276: 1-82.

Aceito: 15.vii.2007

TABELAS

Tabela 1. Medidas externas (mm) de marsupiais, média \pm desvio padrão e tamanho amostral.

	<i>C. philander</i>	<i>M. demerarae</i>	<i>M. murina</i>	<i>M. americana</i>	<i>M. domestica</i>
Cabeça e corpo	195,2 \pm 36,5; 4	160,2 \pm 33,0; 16	135,7 \pm 67,2; 9	62	153,1 \pm 11,8; 14
Cauda	281,7 \pm 30,8; 4	230,4 \pm 36,7; 17	171,0 \pm 19,5; 9	41	91,4 \pm 7,1; 16
Pé sem garra	28,2 \pm 2,7; 4	23,7 \pm 2,0; 17	17,9 \pm 4,3; 9	13	18,8 \pm 1,0; 16
Pé com garra	30,8 \pm 3,0; 4	25,9 \pm 2,1; 17	20,7 \pm 2,1; 9	14	21,3 \pm 1,5; 16
Orelha	28,5 \pm 3,9; 4	27,7 \pm 2,8; 17	22,0 \pm 2,5; 9	10	22,8 \pm 2,3; 16
Peso (g)	135,0 \pm 77,8; 2	84,5 \pm 28,5; 15	33,0 \pm 17,3; 6	11,5	73,5 \pm 26,9; 16

Tabela 2. Medidas externas (mm) de Xenarthra, Primates e Carnívora, média \pm desvio padrão e tamanho amostral.

	<i>B. variegatus</i>	<i>T. tetradactyla</i>	<i>C. jacchus</i>	<i>C. thous</i>	<i>P. cancrivorus</i>
Cabeça e corpo	571; 2	522; 2	199,4 \pm 13,5; 9	580; 1	570
Cauda	70; 2	200-260 2	307,5 \pm 19,0; 9	300; 2	315
Pé sem garra	82,5; 2	56; 2	59,2 \pm 2,5; 9	121,5; 2	136
Pé com garra	126; 2	60-64 2	-	124-139 2	145
Orelha	14,5; 2	31-32 2	26,0 \pm 1,1; 9	68-70 2	58
Peso (Kg)	3,7	6,4	0,307 \pm 0,69; 6	1,5-4,2	-

Tabela 3. Medidas externas (mm) espécies da família Emballonurida, média \pm desvio padrão e tamanho amostral.

	<i>R naso</i>	<i>S. leptura</i>
Cabeça e corpo	55,3 \pm 6,7; 8	60,5; 2
Cauda	13 \pm 2,5; 8	14,5; 2
Pé sem garra	6,5 \pm 0,8; 8	7,5; 2
Pé com garra	7,5 \pm 0,8; 8	8,5; 2
Orelha	12,0 \pm 0,8; 8	14,5; 2
Antebraço	37,8 \pm 0,7; 8	37,7; 2
Peso (g)	4,6 \pm 0,7; 8	6,0; 2

Tabela 4. Medidas externas (mm) de espécies da família Phyllostomidae, média \pm desvio padrão e tamanho amostral.

	<i>C. perspicillata</i>	<i>A. cinereus</i>	<i>A. lituratus</i>	<i>A. jamaicensis</i>	<i>A. obscurus</i>	<i>P. lineatus</i>	<i>S. lilium</i>
Cabeça e corpo	68,3 \pm 2,6; 6	57,0 \pm 2,4; 5	93,5; 2	81,2 \pm 4,1; 21	76,0 \pm 2,6; 3	71,4 \pm 2,3; 18	64,2 \pm 3,8; 5
Cauda	6,8 \pm 1,0; 6	-	-	-	-	-	-
Pé sem garra	11,0 \pm 2,4; 6	9,6 \pm 0,5; 5	17; 2	15,0 \pm 0,4; 21	12,3 \pm 1,2; 3	12,2 \pm 0,5; 18	11,8 \pm 0,4; 5
Pé com garra	13,2 \pm 2,6; 6	11,2 \pm 0,8; 5	20-21 2	17,5 \pm 0,5; 21	14,3 \pm 1,2; 3	14,2 \pm 0,5; 18	13,8 \pm 0,4; 5
Orelha	20,2 \pm 0,4; 6	17,8 \pm 0,4; 5	23; 2	21,6 \pm 1,6; 21	21,3 \pm 1,5; 3	18,8 \pm 0,6; 18	16,8 \pm 1,3; 5
Antebraço	41,3 \pm 1,2; 6	39,9 \pm 1,9; 5	68,2; 2	58,4 \pm 1,5; 21	54,8 \pm 0,4; 3	46,6 \pm 1,0; 18	41,2 \pm 1,2; 5
Peso (g)	15,2 \pm 1,9; 6	13,5 \pm 1,8; 5	56,5; 2	41,9 \pm 6,6; 21	31,4 \pm 2,8; 3	24,8 \pm 3,4; 18	18,3 \pm 2,0; 5

Tabela 5. Medidas externas (mm) de espécies das famílias Vespertilionidae e Molossidae, média \pm desvio padrão e tamanho amostral.

	<i>E. brasiliensis</i>	<i>E. furinalis</i>	<i>M. nigricans</i>	<i>R. io</i>	<i>M. molossus</i>
Cabeça e corpo	97; 1	91; 1	83; 2	82; 1	104 \pm 3,7; 9
Cauda	40; 1	39; 1	34; 2	35; 1	37,8 \pm 1,7; 9
Pé sem garra	8; 1	7; 1	6,5; 2	6; 1	10,2 \pm 0,4; 9
Pé com garra	9; 1	8; 1	7,5; 2	7; 1	11,2 \pm 0,4; 9
Orelha	13; 1	13; 1	14,5; 2	15; 1	12,8 \pm 0,4; 9
Antebraço	40,7; 1	37,3; 1	33; 2	30,5; 1	40,8 \pm 0,8; 9
Peso (g)	7,1; 1	8,5; 1	4,7; 2	5,6; 1	15,4 \pm 2,0; 9

Tabela 6. Medidas externas (mm) de roedores, média \pm desvio padrão e tamanho amostral.

	<i>S. aestuans</i>	<i>A. aff. cursor</i>	<i>N. lasiurus</i>	<i>O. (C.) aff. subflavus</i>	<i>G. spixii</i>	<i>P. blainvillii</i>
Cabeça e corpo	138,5; 2	111,2 \pm 12,7; 17	111,4 \pm 4,0; 3	125,2 \pm 5,9; 5	250; 1	228; 1
Cauda	154; 2	84,1 \pm 13,1; 16	73,0 \pm 11,3; 3	168,5 \pm 11,5; 4	-	265; 1
Pé sem garra	41; 2	22,9 \pm 2,4; 17	21; 3	31,8 \pm 0,4; 5	46,5; 2	39; 1
Pé com garra	44; 2	25,1 \pm 2,3; 17	23; 3	33,2 \pm 1,3; 5	51,5; 2	-
Orelha	19; 2	17,5 \pm 1,9; 17	14,7 \pm 0,6; 3	20,0 \pm 0,7; 5	26,5; 2	16; 1
Peso (g)	50; 1	34,5 \pm 8,1; 16	37,1 \pm 5,4; 3	53,4 \pm 5,8; 5	303; 1	-